

SUBSÍDIOS PARA A TRADUÇÃO DE UM DISCURSO POLÊMICO

Joselice Macêdo

Universidade Federal da Bahia

RESUMO: *Este artigo defende a posição de que o tradutor de um texto em língua latina enfrenta dificuldades de diversos tipos que podem ser minimizadas se a leitura do texto for feita sob uma ótica diferente, como, por exemplo, a da Análise do Discurso na linha de Pêcheux e seus seguidores. Alguns de seus princípios são aplicados no discurso polêmico o De Senectute de Cícero. São apontados no texto, a partir de pistas lingüísticas, as condições de produção de sentido. A análise das formações discursivas limitou-se a uma unidade temática que corresponde à defesa da velhice por Catão de uma das acusações que lhe são feitas: a velhice afasta os anciãos de suas atividades. Nessa unidade privilegiou-se também a análise das marcas de argumentação, a orientação argumentativa e alguns índices de polifonia, facilitando-se, assim, a apreensão dos efeitos dos sentidos do texto.*

PALAVRAS-CHAVE: *Tradução; análise do discurso; argumentação.*

O tradutor de um texto literário escrito em uma língua como a latina enfrenta inúmeras dificuldades. Dentre elas destaca-se a organização complexa e específica morfossintática das orações. Existe também uma pluralidade de significações lexicais, dependentes do autor, em uma mesma época ou em diferentes períodos da história, além da árdua tarefa de fazer a retranscrição de um texto escrito há muitos séculos, em uma linguagem atual.

Mas essas dificuldades podem ser bastante minimizadas se, previamente, a leitura do texto for feita sob uma outra ótica, isto é, se ela levar em consideração, de um lado, os contextos histórico, social, político, situacional nos quais foi produzido o texto. E de outro, as características da linguagem nele empregada, portanto, o seu funcionamento. Este é o ponto de articulação para os efeitos de sentido, pois, "o lingüístico é o lugar, o espaço que dá materialidade, espessura às idéias,

temáticas de que o homem se faz sujeito concreto, histórico, porta-voz de um amplo discurso social " (Courtine, 1982: 240) concretizado nas condições de produção. O tradutor terá, assim, acesso aos sentidos do texto, e, como leitor, poderá manter dinamicamente uma interação com o autor, constituindo, deste modo, os sentidos do discurso.

Propõem-se então, nessa linha de análise fazer uma reflexão sobre o discurso de Cícero, o grande orador romano e divulgador da filosofia grega, em um tratado filosófico, o *De Senectute* (A Velhice).

O *De Senectute* foi escrito presumivelmente nos primeiros meses do ano 44 AC, conforme alusões feitas pelo próprio Cícero. O contexto histórico e político em que vivia naquele momento o escritor foram bastante especiais, sob o domínio da guerra civil, das agitações sociais e das perseguições políticas. Na época, mesmo estrategicamente afastado das atividades políticas, quando apenas se dedicava à atividade literária, Cícero temia que as conseqüências da situação política pudessem atingi-lo. Essa preocupação ele a manifestou na justificativa da obra em pauta, quando afirma:

"Et tamen te suspicor eisdem rebus, quibus me ipsum interdum gravius commoveri; quarum consolatio et maior est et in aliud tempus differenda."

(Mas suspeito que estejas mais abalado que eu com os rumos dos acontecimentos. Consolar-te seria um empreendimento muito árduo, é preciso esperar um outro momento).

A expressão *eisdem rebus*, que traduzimos por *rumos dos acontecimentos* sintetiza a grande preocupação de Cícero com a situação política e as possíveis conseqüências para sua pessoa, sem que ele concretamente a formule, mas para o leitor representa uma pista para o contexto político da época.

E neste texto o contexto ideológico representa também um papel muito importante, pois a velhice, tema central do livro, vem enfrentando a carga de uma forte ideologia cultural, cujos remanescentes ainda são marcantes em nossa época, apesar dos esforços que vêm sendo empreendidos para combatê-la. Cícero, na justificativa do trabalho mostra-se influenciado por ela, como podemos constatar nas linhas abaixo, dirigindo-se a quem dedica a obra, seu grande amigo Attico:

Hoc enim onere, quod mihi commune tecum est, aut iam urgentis aut certe adventantis senectutis et te et me etiam ipsum levare volo; etsi te quidem id modice ac sapienter, sicut omnia, et ferre et laturum esse certo scio.

(Porém quero aliviar-me e a ti daquele peso da velhice que nos é comum ou que já se delinea ou que já se apresenta, embora eu tenha a certeza de que o suportas e o levas de uma maneira sábia e moderada, como já o fizeste com todos os demais problemas).

Naquele momento Cícero tinha sessenta e três anos e seu amigo Attico, sessenta e seis e sob a ideologia cultural vigente, era já para ele o momento do anúncio da velhice com todos os seus males e sofrimentos.

Essa ideologia cultural manifesta-se também ao longo da obra. Vejamos outro exemplo, extraído do cap. II, quando Laelio, um dos interlocutores de Catão, diz-lhe:

... quod nunquam tibi senectutem gravem esse senserim, quae plerisque senibus sic odiosa est, ut onus se Aetna gravius dicant sustinere.

(... porque nunca percebi que a velhice te fosse pesada, ela que, para alguns velhos é tão odiosa que dizem que lhes é mais pesada do que se sustentassem o Etna.)

Vejamos agora algumas informações sobre a organização do livro. Está ele estruturado sob a forma de um diálogo, artifício bastante utilizado nas obras filosóficas desde Platão. Três são os personagens históricos escolhidos por Cícero para participarem desse diálogo fictício. A figura principal é Catão, o Antigo (em oposição a Catão, o Jovem, seu bisneto e contemporâneo ilustre de Cícero). Viveu Catão entre 234 e 149 AC. No desenrolar do diálogo somos levados a conhecer sua vida política, sua personalidade, sua cultura. Os dois interlocutores são P. C. Scipião Aemiliano, que, por seu triunfo na África, recebeu o cognome de Africanus Minor e C. Laelio, que pela vasta cultura e refinamento que o caracterizavam foi cognominado o Sábio. Era amigo inseparável de Scipião Aemiliano. Contemporâneos de Catão, mas muito mais jovens, declaram-se, no início da conversação, grandes admiradores seus, não só pela sua notória sabedoria como pela serenidade com que enfrentava a velhice, mantendo grande atividade política e intelectual. Basta lembrar que já octogenário, começou Catão a estudar a literatura grega, tarefa que até então, recusara-se a realizar.

Quanto ao título, Cícero designa sempre este diálogo com o nome de Cato Maior. *De Senectute* é uma explicação da matéria tratada, mas a partir de Plutarco, historiador e moralista grego, este sub-título explicativo se generalizou e é o mais comumente empregado para designar esta obra.

Em relação ao título que demos a esta reflexão, "Subsídios para a tradução de um discurso polêmico", o adjetivo polêmico refere-se a um tipo de discurso, dentro da tipologia do discurso proposta por Eni Orlandi da Universidade de Campinas, seguidora e divulgadora entre nós da linha da análise do discurso iniciada por Pêcheux na França. O discurso polêmico permite várias leituras, sendo portanto, polissêmico.

Desde a Antigüidade, o *De Senectute* conheceu um sucesso extraordinário, repetido nos séculos seguintes. Inúmeros são os manuscritos que nos foram legados, mais de cem. E a partir do século XV, foram feitas várias edições e inúmeros estudos, dos quais pouquíssimos são conhecidos entre nós.

Um detalhe que nos parece importante é procurar fontes filosóficas que serviram de apoio a Cícero no *De Senectute*. Seu autor nunca tentou esconder suas consultas à história, à poesia e principalmente à filosofia helênica. Como fonte principal é citada a obra de Ariston. De Chios? ou o peripatético Ariston de Ceos? Como as obras desses dois filósofos já eram confundidas desde a Antiguidade, a resposta é difícil. Vários estudiosos inclinam-se pelo estóico, Ariston de Chios. Em vez de seguir um modelo único, Cícero foi a fontes diferentes, misturando seus próprios sentimentos, fatos da história romana e versos da poesia latina. Da mistura de elementos diferentes, Cícero fez uma obra sincera e original.

Segundo a retórica da época, o discurso, independente da temática, era estruturado em: Exórdio, Narração (ou Discussão, Peroração) e Conclusão (ou Epílogo). No *De Senectute* identificam-se a *Dedicatória* em que Cícero justifica, dedica, enumera os personagens da obra. O *Exórdio* em que são apresentados os princípios gerais do diálogo, exemplos de anciãos felizes. A *Discussão* é na verdade iniciada quando, num monólogo que se estende até o fim do tratado, Catão faz a defesa da velhice, refutando as acusações que lhe são feitas, tais como:

- a velhice afasta os anciãos das atividades
- ela enfraquece o corpo
- priva o ancião de todo o prazer
- está bem próxima da morte

Até então, vimos focalizando as condições de produção de sentido, o contexto ideológico, as fontes consultadas para o desenvolvimento do tema e a estruturação geral do tratado. Voltamo-nos agora para o funcionamento da linguagem. Pelo caráter ideológico e predominantemente argumentativo deste discurso, na análise privilegiam-se as marcas e a orientação argumentativas utilizadas por Catão para refutar as acusações que são feitas à velhice. Pela exiguidade de espaço de que dispomos, limitou-se a análise a apenas uma unidade temática, isto é, a refutação de Catão à primeira acusação feita: *A velhice afasta os anciãos das atividades*, destacando nela quatro seqüências discursivas. Antes de iniciarmos a análise do discurso, nos aspectos propostos, passemos a algumas considerações sobre o processo semântico em pauta. A argumentação é objeto de estudo desde a antiguidade grega e tratada pela retórica clássica. Esta, com o passar dos séculos, chegou à posição de mera taxonomia de figuras de estilo. Recentemente, a argumentação é vista como a busca da persuasão de um alocutário (auditório) por um locutor. É de grande interesse para nossa tarefa a hipótese levantada por semanticistas atuais, como Ducrot, de que se a linguagem é vista como um modo de ação social, a argumentação não é derivada de seu caráter lógico nem de condições de verdade, como a via a retórica clássica. O uso da linguagem é essencialmente argumentativo, pretendendo o sujeito-autor/falante orientar os enunciados que se produzem no sentido de determinadas conclusões, portanto a argumentação está inscrita na própria língua. Esta possui mecanismos específicos para esse fim. A esses mecanismos costuma-se chamar de *marcas da argumen-*

tação ou *operadores argumentativos* constituídos principalmente por advérbios e conjunções, que passam a exercer, além da função que já lhes é atribuída pela gramática tradicional (a de modificar elementos da frase e a de unir orações), essa nova função, a nível textual. Aliás, a nível textual, também, as conjunções e advérbios exercem outro papel no texto, o de se constituírem elementos *coesivos* seqüenciais. Na análise da unidade temática a que nos referimos destacamos quatro seqüências discursivas onde é possível apreender os argumentos refutatórios de Catão, deixando de lado digressões que permeiam a obra, uma das características do discurso ciceroniano nesse trabalho.

Propõem-se então, nessas seqüências, analisar operadores nelas existentes para demonstrar a importância para o tradutor levar em consideração esse processo de significação, em sua tarefa de apreensão dos sentidos do texto com que trabalha. Ainda dentro da teoria semanticista de Ducrot, observam-se também alguns aspectos polifônicos textuais. Nossa análise inicia-se, então, no parágrafo 15 do *De Senectute*.

SEQÜÊNCIA 1

A rebus gerendis senectus abstrahit. A velhice afasta (os velhos) das atividades.

- **Quibus?** (De quais?)

An iis quae iuventute geruntur et viribus? (porventura das que são exercidas com o vigor da juventude?)

Nullaene igitur res sunt seniles, quae vel infirmis corporibus, animo tamen administrentur ?

(portanto, não existem atividades que os velhos possam exercer, *entretanto* elas podem ser administradas pela mente (espírito), mesmo que eles não tenham força física).

Nihil ergo agebat Q. Maximus, nihil L. Paulus, pater tuus, socer optimi uiri, filii mei? ceteri senes, Fabricii, Curii, Coruncanii, cum republicam consilio et auctoritate defendebant, nihil agebant ? (nada faziam pois, Q. Maximo, L. Paulo, teu pai, sogro do homem eminente que foi meu filho ? e os outros anciãos, os Fabrícios, os Curios, os Coruncanos, quando defendiam a república, com a sua prudência e o seu prestígio, não faziam nada?)

Catão reforça seu argumento ainda com outro exemplo na história romana, Apio Claudio, que apesar de cego, conseguiu prestar um grande serviço à pátria, evitando que fosse selado um acordo de paz com Pyrrro.

Merece ser destacada na 1ª seqüência uma característica comum nos textos da época de Cícero e iniciada por Platão, a *pergunta retórica*. Trata-se de um artifício de se fazer uma pergunta para a qual já se sabe que não há possibilidade de opção entre responder afirmativa ou negativamente, já que a própria formulação do problema prefigura uma de suas respostas (ou exclui ambas). No caso,

a pergunta retórica está expressa, primeiramente no termo *quibus* (de quais atividades a velhice afasta os anciãos?). O autor apresenta dois operadores interrogativos: *An, ne* (em *nullaene*). Catão já tem uma resposta, uma vez que ele está refutando a acusação feita, *A velhice não afasta o ancião de suas atividades*, mesmo que eles mudem o tipo de negócios, como é o caso dos exemplos apresentados. O esquema abaixo visualiza a força e a orientação argumentativas dos operadores:

A velhice afasta (os) das atividades exercidas com o vigor da juventude

⇓
portanto (igitur)

⇓
Não existem atividades que os velhos possam exercer

⇓
entretanto (tamen)

⇓
Elas podem ser administradas pela mente (pelo espírito)

⇓
mesmo que (vel)

⇓
(Os velhos) estejam sem força física

⇓
logo (vel)

Os anciãos ilustres exerciam atividades importantes

Observemos agora os argumentos de que lança mão Catão, para refutar a 1ª acusação feita à velhice, isto é, *A velhice afasta os velhos das atividades exercidas com o vigor da juventude* (excluímos, na análise, as perguntas retóricas). Esta acusação é refutada através dos operadores argumentativos que se seguem: *igitur* (*portanto*) introduz uma conclusão ao argumento anterior. O *tamen* (*entretanto*) contrapõe argumento contrário à conclusão anterior, isto é, *(Elas, as atividades) podem ser administradas pela mente*. O operador *vel* (*mesmo que*) assinala o argumento mais forte de uma escala argumentativa orientada no sentido de determinada conclusão. Segue-se a conclusão que vinha sendo orientada pelos operadores assinalados: *Anciãos ilustres exerciam atividades importantes*. Esta conclusão é, na verdade, a resposta às perguntas retóricas.

Foi proposto no início deste trabalho observar também índices de polifonia. Este termo *polifonia*, segundo Ducrot, designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir "vozes" que falam de pontos de vista diferentes, com as quais o interlocutor se identifica ou não. Os operadores conclusivos, por exemplo, levam

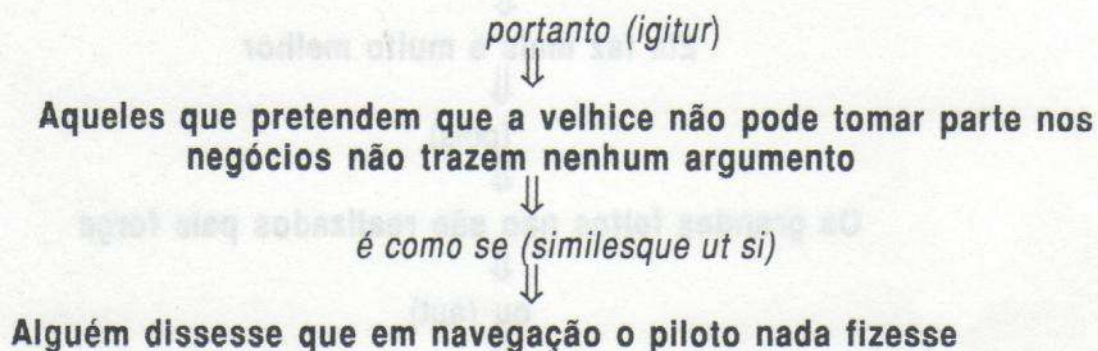
o locutor a aderir ao argumento dado, argumentando no mesmo sentido. Na seqüência em pauta, temos o operador *igitur*. Já o operador *tamen* atribui ao argumento p (*Não existem atividades que os velhos possam exercer*) a uma outra voz à qual se reconhece uma certa legitimidade, como um argumento possível para aquela conclusão mas à qual se opõe um argumento q, muito mais forte, que deve levar à conclusão oposta: *Existem atividades exercidas pelos velhos com a mente*. O sujeito do enunciado em pauta é o Locutor na perspectiva do narrador Catão que, através das perguntas retóricas, dirige-se a seu interlocutor (ou interlocutores, Laelio e Scipião).

SEQÜÊNCIA 2

Nihil igitur adferunt (Portanto, não trazem nenhum argumento) **qui in re gerenda versari senectutem negant** (aqueles que pretendem que a velhice não pode tomar parte nos negócios) **similesque sunt ut si qui gubernatorem in navigando nihil agere dicant...**

(é como se alguém dissesse que em uma navegação o piloto nada fizesse...).

Observemos o esquema abaixo:



Inicia-se esta seqüência com o operador *igitur* (*portanto*), que como já vimos, orienta para uma conclusão, no caso, *Aqueles que pretendem que a velhice não pode tomar parte nos negócios, não trazem nenhum argumento novo*. Esta conclusão, evidentemente, refere-se aos argumentos negados na seqüência anterior. E nesta conclusão o Locutor na perspectiva do narrador (Catão) dá a palavra a um enunciador E (Aqueles que), retomando, em seguida, a sua posição de Locutor narrador (*não trazem nenhum argumento*). Logo a seguir, estabelece uma comparação, *similesque ut si*, para reforçar seu ponto de vista inicial, instaurando outra voz, o E₁ (alguém), para dar apoio à conclusão posta na seqüência, como se quisesse legitimá-la.

Vale ressaltar que, para reforçar a conclusão iniciada com *igitur*, Cícero usa a comparação de atividades exercidas na velhice e que são importantes, como o

piloto de um navio. Enquanto ele permanece tranquilo, diante do leme, a tripulação, distribuída em diferentes funções, trabalha. Daí, perguntar Catão se ele nada faz, pois a responsabilidade de todas as vidas está em suas mãos.

SEQÜÊNCIA 3

Non facit ea quae iuvenes; (a velhice não exerce as atividades dos jovens)
at vero multo maiora et meliora facit: (mas ela faz mais e muito melhor) **non viribus aut velocitate aut celeritate corporum res magnae geruntur** (os grandes feitos não são realizados ou pela força ou pela velocidade do corpo) **sed consilio, auctoritate, sententia,** (mas pela prudência, pelo prestígio, pela sensatez) **quibus non modo non orbari, sed etiam augeri senectus solet.** (não só a velhice não está privada deles, como as possui em grande quantidade).

O esquema abaixo visualisa bem a seqüenciação dos argumentos e a sua orientação argumentativa.

A velhice não exerce as atividades dos jovens



mas (at)



Ela faz mais e muito melhor



(pois)



Os grandes feitos não são realizados pela força



ou (aut)



pela velocidade do corpo



mas (at)



pela prudência, pelo prestígio, pela sensatez



não só (non modo)



a velhice não está privada deles



como também (verum etiam)



os possui em grande quantidade

Nesta seqüência, Catão utiliza mais um argumento para negar a acusação (*A velhice não exerce as atividades dos jovens*). A partir do operador *at* (*mas*) que, como já foi visto, orienta para uma conclusão contrária ao argumento anterior, no caso, *A velhice faz mais e muito melhor (as atividades que os jovens)*. Um operador *pois*, subentendido, introduz uma justificativa ou explicação relativamente ao argumento anterior. O operador *aut* soma mais um argumento a favor de uma mesma conclusão. O *at* (*mas*) leva a uma conclusão contrária *Não é pela força ou pela velocidade do corpo, mas pela prudência, prestígio e sensatez*. Os operadores *Non modo* e *sed etiam* (não só mas também) somam argumentos a favor da mesma conclusão: *A velhice faz mais e muito melhor que os jovens*.

Em seguida, Catão se apresenta como um exemplo que ilustra esse argumento e deseja que seus interlocutores também passem à posteridade com suas atividades atuantes na velhice. São dados ainda exemplos de anciãos ativos seja na vida política, no campo, como na educação, provocando a admiração e o respeito de jovens.

Universidade Estadual de Feira de Santana
Departamento de Letras e Artes
Colegiado de Pós-Graduação em
Literatura e Diversidade Cultural. PPGLOD

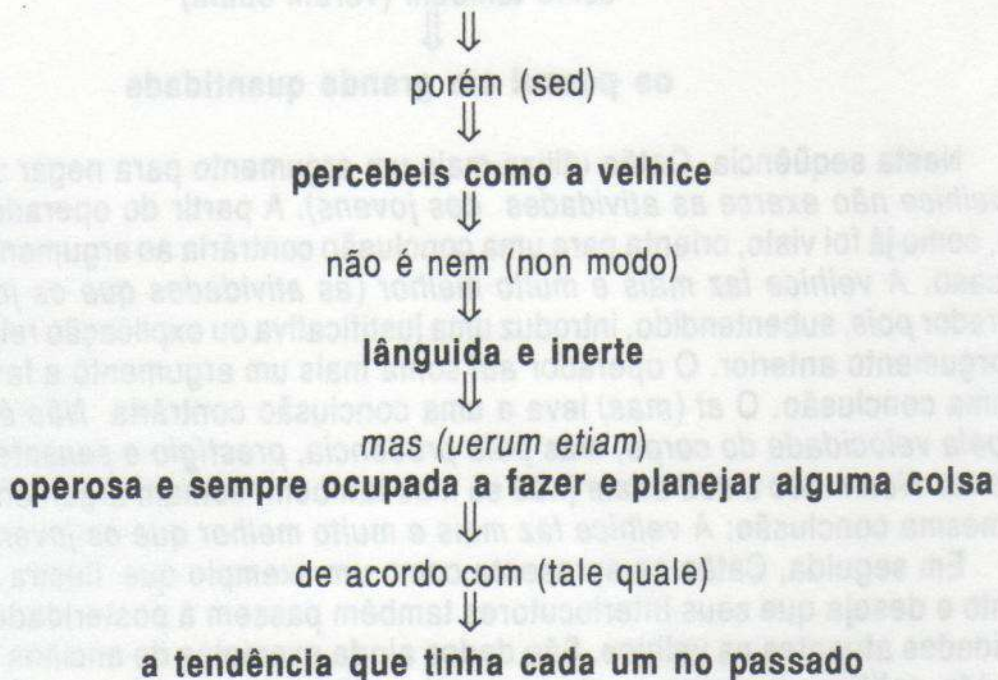
SEQÜÊNCIA 4

Sed videtis, ut senectus non modo languida atque iners non sit, (porém percebeis como a velhice não é nem lânguida e inerte) **verum etiam sit operosa et semper agens aliquid et moliens** (mas operosa e sempre ocupada a fazer e planejar alguma coisa), **tale scilicet quale cuiusque studium in superiore vita fuit** (de acordo com a tendência que tinha cada um no passado).

Esta seqüência é o argumento conclusivo da refutação à primeira acusação feita à velhice: *A velhice é operosa e sempre ocupada a fazer e planejar alguma coisa*. *Sed* é o operador usado para introduzir a frase: *videtis ut senectus sit operosa et semper agens aliquid*, isto é, porém vedes como a velhice é operosa e sempre ocupada a fazer e planejar alguma coisa. Os operadores *non modo*, (*nem*), *verum etiam* (*mas*) introduzem os argumentos mais fortes em direção à conclusão final, marcada pela contestação de que a velhice afasta os velhos das atividades. Os argumentos fortes são: A velhice não é preguiçosa nem inerte mas operosa e sempre ocupada em fazer e planejar alguma coisa, de acordo com as habilidades exercidas nas fases anteriores. E acrescenta à argumentação anterior, a capacidade dos velhos não só de manterem as atividades que desenvolveram no passado, mas a capacidade de mudá-las dando como exemplo ele próprio, Catão, Solon, e Sócrates.

Como vimos fazendo até então, visualizemos a força argumentativa de Catão

por meio de um esquema:



Reaparece nesta seqüência a presença do interlocutor ou dos interlocutores de Catão (o leitor ou os interlocutores desse diálogo simulado, Laelio e Scipião) pela 2ª pessoa do plural do verbo *videtis*, reassumindo, em seguida, Catão seu papel de L narrador.

Embora nem sempre Cícero tenha sido muito convincente, através de seu porta-voz, em argumentos apresentados em defesa da velhice, em outras unidades temáticas, sua extraordinária capacidade argumentativa fica patente nas seqüências analisadas nesta reflexão.

Espero então, ter contribuído um pouco, ao propor esse tipo de leitura de um discurso polêmico, na perspectiva da análise do discurso, para a difícil tarefa de traduzir, o que implica na compreensão de um texto, na sua recriação ao transcrevê-lo para outra língua.

RÉSUMÉ: *Cet article prétend que quelques difficultés qui se présentent au traducteur d'un texte en langue latine peuvent être diminuées si sa lecture est faite sous une optique différente, comme celle, par exemple, de l'Analyse du Discours, selon les principes proposés par Pêcheux, et ses continuateurs. Quelques-uns de ces principes sont appliqués au discours polémique de Cicéron dans son traité philosophique, le **De Senectute**. A partir de pistes linguistiques, on signale les conditions de production du sens. L'analyse des formations discursives se limite à une unité thématique correspondante à la défense de la vieillesse faite par Caton à l'une des*

accusations: la veillesse écarte les anciens de ses activités. L'analyse a privilégié aussi les marques et l'orientation de l'argumentation et quelques indices de polyphonie, en facilitant, de cette façon, la prise des effets du sens du texte.

MOTS CLÉS: Traduction; analyse du discours; argumentation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CICÉRON. *Caton l'Ancien (La Vieillesse)*, texte établi et traduit par P. Willeumier, Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1940.
- COURTINE. "Définition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours". In: *Philosophiques*, vol. IX, n. 2, 1982.
- DUCROT, O. *O dizer e o dito*; revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas, S.P., 1987.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas, S.P.: Pontes, 1987.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, S.P.: Pontes, 1987.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et alii. Campinas: Edit. da UNICAMP, 1988.